

# Não há opção para o longo prazo

O consenso negativo dos expositores convidados pela Câmara dos Deputados para o seminário sobre "O Sistema Financeiro Nacional e a Retomada do Crescimento Econômico" foi o de que não há alternativas para a volta dos financiamentos de longo prazo. O presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Leo Wallace Cochrane Junior, disse que "a brutal preferência pela liquidez de consumidores e empresas é uma das consequências nocivas do quadro caótico das finanças públicas".

O presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), Cristiano Buarque Franco Neto, observou que "o grande problema dos bancos, hoje, é encontrar boas empresas que queiram algo mais do que um simples desconto de duplicatas, ressalvadas algumas operações de leasing e assemelhadas".

Cochrane Junior afirmou que o sistema financeiro também precisa de um ambiente econômico estável, onde o investidor aplique suas

economias por prazos mais longos, "permitindo aos bancos financiar despesas de consumo e investimento, que é sua tarefa fundamental de intermediação financeira".

Para que cumpram sua missão básica de alavancar o desenvolvimento, segundo o presidente da Febraban, os bancos dependem, antes de mais nada, de que "o Governo pare de absorver maciços recursos da sociedade e das empresas para financiar o déficit público".

O porta-voz dos banqueiros lembrou que a dívida pública já alcança mais da metade de todos os ativos financeiros, o que abrange papel-moeda em circulação, depósitos à vista e todas as aplicações remuneradas. "Além disso, o estado passou cada vez mais a assumir uma nova dívida interna, representada pelos depósitos de poupança, na medida em que a política econômica dos últimos anos acabou gerando descasamentos violentos entre o ativo e o passivo do sistema financeiro da habitação" - disse Cochrane Junior.

Mas, do ponto de vista de ban-

queiro, o presidente da Febraban não tem o que reclamar. Ele mesmo reconheceu que os bancos registram lucros crescentes.

As restrições vêm também do exterior. Estudo recente do Banco Mundial para o financiamento abortado de US\$ 500 milhões ao programa de reordenamento do Sistema Financeiro Nacional apontou: "como resultado das suas políticas de crédito e de juros, o governo tem sido a única fonte de crédito a longo prazo e vem dificultando o desenvolvimento dos mercados de capitais privados. Essa difusa intervenção governamental tem aumentado as margens sobre as taxas de juro nos empréstimos para investimentos e afastou as fontes privadas do crédito a longo prazo".

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), já responsável, segundo o seu presidente, Marcio Fortes, por 20% da formação bruta de capital fixo, conta com o novo programa de privatização das empresas estatais. Para continuar sozinho no financiamento produtivo. A S